

# BOLAMA





BOLAMA

TEXTO E FOTOGRAFIAS Santiago Macías

DESIGN GRÁFICO TVM Designers

VERSÃO EM CRIOULO GUINEENSE Geraldo Pina

IMPRESSÃO E ACABAMENTO AGIR – Produções Gráficas

EDIÇÃO Multiculti, Moura, 2021

TIRAGEM 500 exemplares

ISBN 978-989-33-1896-6

DEPÓSITO LEGAL 484122/21

«deixaram-no negro e desabitado como a superfície do deserto,  
tanto que o desconheceram os olhos e o habitaram os corvos»

IBN IDHARI AL-MARRAKUSHI

*A costa é uma muralha de mangue.* A costa é uma linha contínua. Três horas depois de uma navegação entre o mangue, o céu pardacento e o mar pardacento, o barco chega a Bolama. Do mar ainda não vemos a cidade. Vemos apenas o molhe, formigando de gente.

O barco apita três vezes, como se de um filme se tratasse. A cidade aparece como uma clareira na costa. Está à nossa frente, atrás do mangue e dos poilões. Pressente-se, colina acima, mas não mais que isso. É pouco o que vemos. Quem olha, lá do alto, quem tudo vê são os jagudis. Um voo preguiçoso, ao ritmo do barco e do calor.

O molhe é um caos de gente. Em poucos minutos, já não está ninguém. O cais foi varrido pelo calor que paira sobre Bolama. No calor da tarde, aos poucos, passo a passo, rua acima, na bruma do calor surgem formas. Na máquina do tempo há outra Bolama, colonial e antiga, que agora começamos a vislumbrar. É a cidade branca que se abre à nossa frente. O nome das ruas, arrancadas à memória da República, são um arquivo cartográfico. Encosta acima, vamos encontrando João Chagas, António José de Almeida, Teófilo Braga, Latino Coelho e o Alferes Malheiro. Bolama era portuguesa e aqueles nomes, indecifráveis a ouvidos guineenses, prolongavam a Metrópole nos trópicos.

Na luz da tarde ganham corpo casas com raízes no tempo. No calor da tarde, surgem ruínas. O urbanismo antigo toda ele era ordem, geometria, ângulos retos,

paralelas e perpendiculares. O traçado torna-se ilegível, por entre os prédios em mau estado. O desenho de outros tempos perdeu-se, aos poucos. As ruas coloniais são terreno lavrado pela chuva e pela incúria. O pavimento original desapareceu, não se sabe quando. Passa um jipe, levantando nuvens de pó. Há silêncio e há pó, um pó vermelho, silencioso e perene, que tudo cobre. Depois do jipe passar, fica só o calor pesado e mole. Ficam só os jagudis, lá no alto. Não se ouve um som.

Ao lado do porto, meio escondido pelas árvores, está um obelisco. Um monumento de outras eras, que resistiu ao tempo e às revoluções. Era o dia 5 de janeiro de 1931, o ano IX da Era Fascista, acreditava Mussolini. Um bando de 14 pássaros de metal saía de Bolama em direção ao Brasil. Italo Balbo, o majestoso Italo Balbo..., comandava a expedição que iria cruzar o Atlântico. Dois aviões caem na água e nunca chegarão ao Brasil. Tal como nunca viram solo americano cinco tripulantes, que terão a sua eternidade em terras de África.

Bolama é o rio Lethe feito cidade. O esquecimento tomou conta das ruas e das casas. Os habitantes, eles próprios, se esqueceram da cidade. Quando os brancos se foram embora, e Bolama era deles e para eles, esvaziou-se e saiu de si própria. Esqueceu-se de si e da sua memória. Um cerco de cubatas em barro sitia agora a colónia europeia. Os africanos regressaram ao seu solo. A cidade colonial ficou imóvel no passado. Vai desaparecendo por dentro, implodindo devagar. Deixou para trás muros, ruas, praças e uma estátua em bronze maciço do presidente americano Grant, misteriosamente desaparecida, às mãos de europeus fugidios e com talento para negócios equívocos.

Uma cidade não costuma morrer de uma só vez. Vai definhando. Agora um muro cai, logo a seguir tomba um troço de telhado, depois outro. A morte de um povoado

é uma arqueologia às avessas, uma escavação feita da base para o topo. No princípio do fim tudo parece imutável. Os prédios são quase os mesmos, estão quase intactos. Estão feridos de morte, mas tal não é visível. Alguns anos depois começam a ser visíveis os sinais da doença. O processo é cada vez mais rápido, cada vez mais irreversível. As telhas misturam-se com a densidade das ervas e dos arbustos. Os canos de água, podres e desfeitos pela ferrugem, saem dos muros, sem préstimo. A oxidação é um processo químico. Isso é coisa dos livros. É lenta, como um cancro que corrói devagar, até não ter cura. Primeiro, é a água que se insinua nos muros, começando a atacar o ferro, que cresce e ganha volume. Depois, a argamassa salta e o processo acelera-se. Mais tarde, notam-se já com clareza as frestas e o interior dos muros. É o começo da ruína final. Os edifícios dissipam-se, e com eles vai a memória de Bolama.

No alto da cidade, sobrevive a fachada da câmara municipal. Por detrás, há o vazio. Um pouco mais longe, o hospital, feito sobre estacas para ficar longe dos bichos, tornou-se ferrugem, uma sombra chinesa de metal, onde o mato entrou para não sair. As ervas asfixiam o sítio, entre escombros, ferrugem e o esquecimento. O processo é cada vez mais rápido, cada vez mais irreversível. Algumas décadas mais tarde, a história da cidade, e de todos os seus recantos, só será feita por velhos bilhetes-postais.

Que diria Francisco Chamiço ao ver que o seu Banco Nacional Ultramarino passar a hotel e, depois, a um monte de pedras, onde as ervas fazem casa. Vive-se agora num cenário de cinema, feita quase só de fachadas vazias. Há frontões neoclássicos e um modernismo com ares cosmopolitas na fachada do cinema. Aqui e além, restam palacetes com varandim no primeiro piso, num compromisso entre África e Europa. Velhos anúncios de marcas já falecidas recordam as prosperidades da vida comercial

de outrora. Mais além, há casas de adobe, em ruas sem nome, cruzadas por galinhas e por crianças, por mulheres e por bicicletas. Para lá da memória europeia, está África.

A cidade fenece. A piscina está vazia de água e de gente, a sala de cinema passou filmes que ninguém recorda, a central elétrica parou, o campo de aviação de Lala caiu no olvido e foi tomado pelos cajueiros. A tipografia da imprensa nacional foi vencida pelo tempo e alberga morcegos. As máquinas não voltarão a trabalhar. Tal como as da central elétrica, estão imóveis no tempo e, por entre a ferrugem, os rebocos decrépitos e os muros que se esboroam há fachadas de miraculosa verticalidade.

Num limbo entre a vida e a morte, cabem os sons de Deus, que irão encher os nossos dias e as nossas noites. Do nada, ao fim da tarde, surge uma procissão. Pela única vez, uma multidão no deserto de Bolama. Os passos da Paixão param a um ritmo certo. Bolama precisa de quem ore por ela, mas não tenho a certeza que seja essa a intenção dos fiéis. Sem esperança terrena, procura-se o futuro nas mesquitas, nas igrejas, nas *djambacás*. O som do chamamento à oração que, ainda pela noite cerrada, irá agitar os morcegos, os preces da procissão que cruza a praça ao fim do dia, os encantamentos da mulher que lança sortilégios, numa palhota lá longe, pertencem à mesma crença.

A cidade dos brancos prolonga-se para sul, até à praia de Ofir. Os três quilómetros parecem trinta, por entre a mata e o crepúsculo. Os tiques burgueses das pégulas de Ofir são de outro mundo e de outro tempo. O que resta das escadarias, outrora a fingir barroco, torna mais barroca a própria decadência.

Também a luz se esqueceu de Bolama. Com o cair da noite, a cidade apaga-se. Não há luz. Ao crepúsculo, vemos ainda os morcegos tomar, aos milhares, o céu e torná-lo mais escuro. Morfeu e Hypnos tomam conta da ilha. São, até ao romper da aurora,



horas de silêncio. Apenas o chamamento à oração, na mesquita que ouvimos, mas não vemos, corta a escuridão. “Orar é melhor que dormir”, proclama o almuédão. A cidade acorda depois e move-se um pouco. Ao longe está o porto, onde o barco nos espera.

Corremos ainda atrás do passado, febrilmente, de rua em rua, à procura de um caminho. Folheamos velhos livros, tentando perceber o que se passou, quem foi a gente que ali esteve, porque tudo se tornou tão misterioso e obscuro. Bolama é um cenário entre Graham Greene e Joseph Conrad. Agora, já não há estátua do general Grant, nem câmara municipal, nem hospital. As pessoas de outros tempos já lá não estão. Os brancos levaram com eles a memória dos sítios. E estes perderam-se. Aos poucos. O resto, muros, ruas e praças, vai também pelo caminho de ser uma remota recordação.

O barco apita três vezes. Navegamos devagar, em direção ao horizonte, à nossa frente. O horizonte esfuma-se, detrás de nós. Cais, casas, Bolama, o perfil da ilha, tudo se esconde. Voltamos a um suave balanço, entre o céu cinzento, o mangue e o mar cinzento. Bolama ficou para trás, a caminho do esquecimento.

Greene e Conrad não estiveram ali. Italo Balbo morreu em Tobruk, em 28 de junho de 1940, atingido pelas anti-aéreas italianas. Em 1941, Bolama deixou de ser a capital da Guiné Portuguesa. A Guiné Portuguesa faz parte, ela própria, de um passado a cada dia mais distante. Lethe triunfou.

Bruno Valet  
(1965-2021)  
*in memoriam*







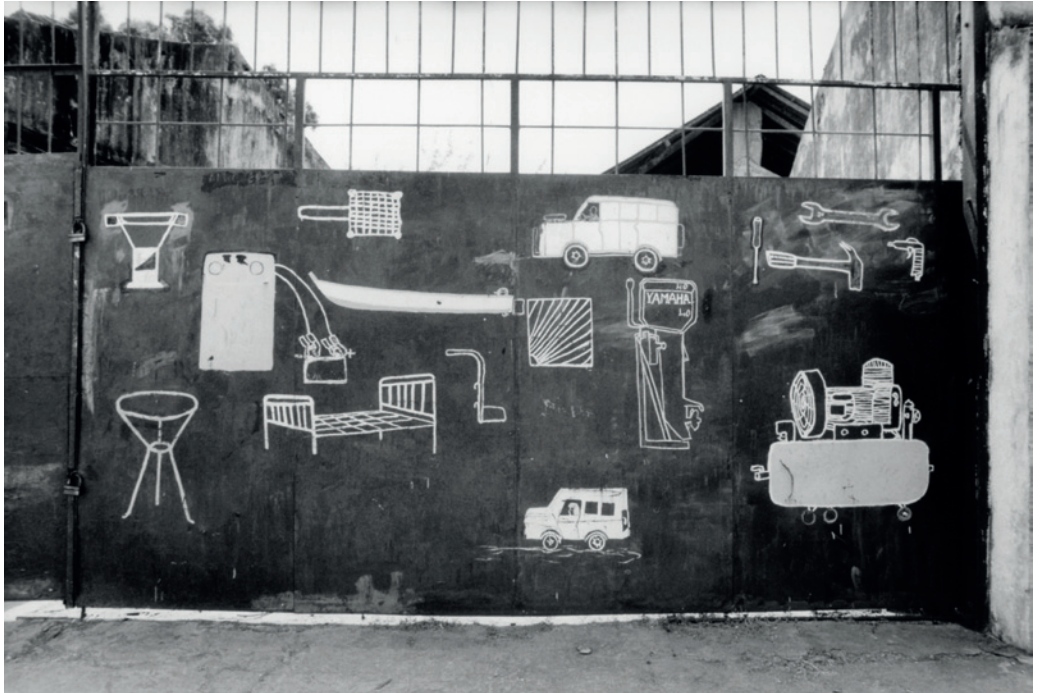
















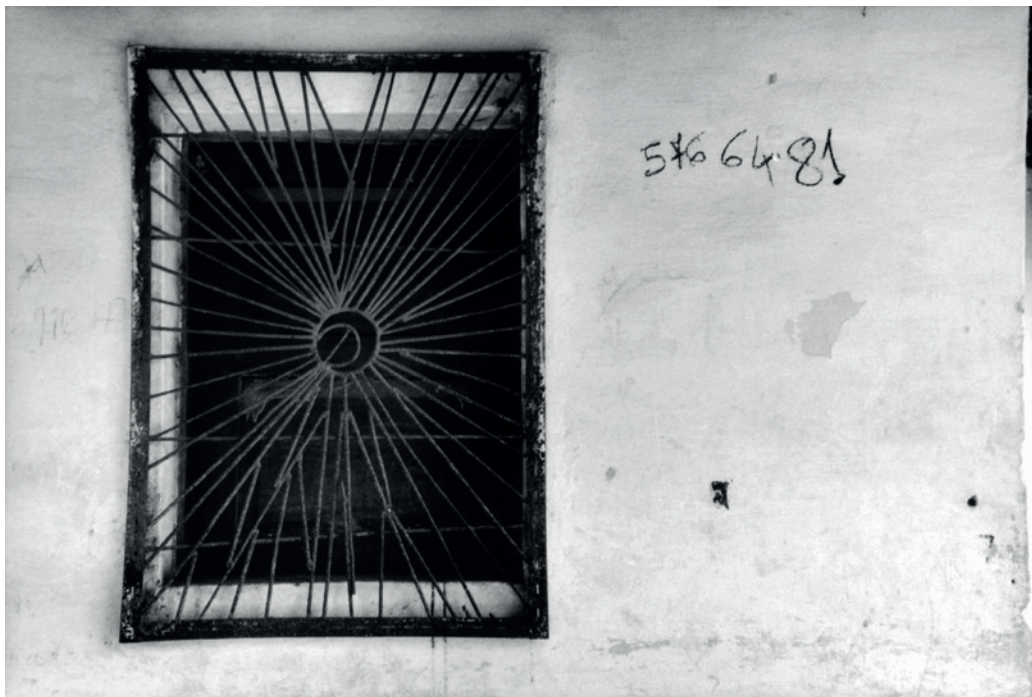












5\*664.81

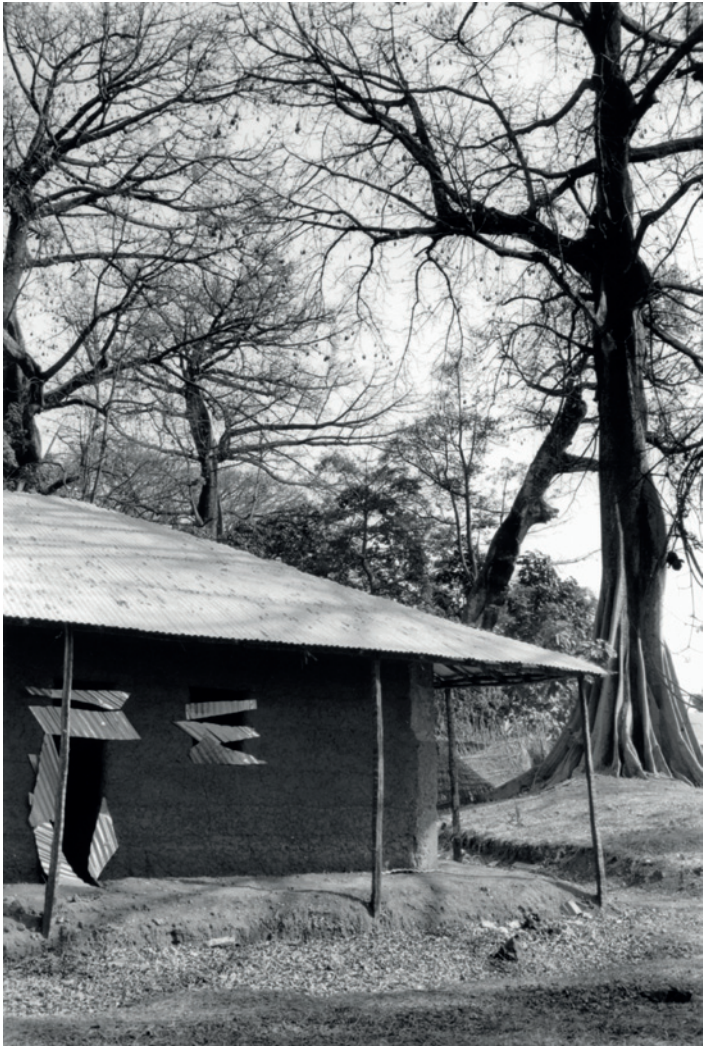
A  
710 1/2











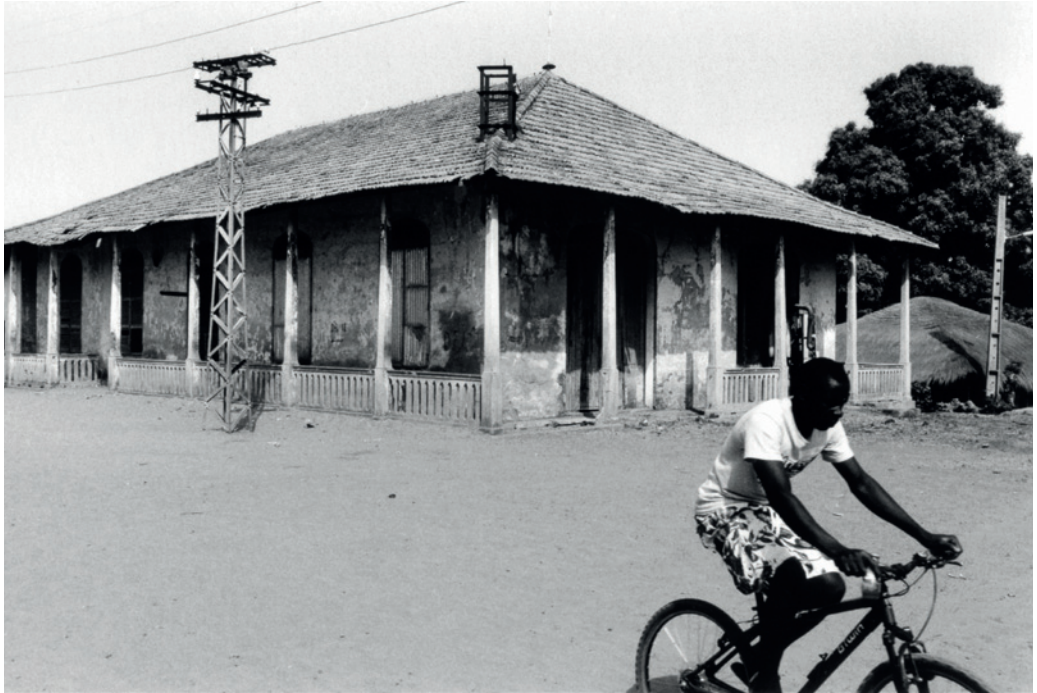




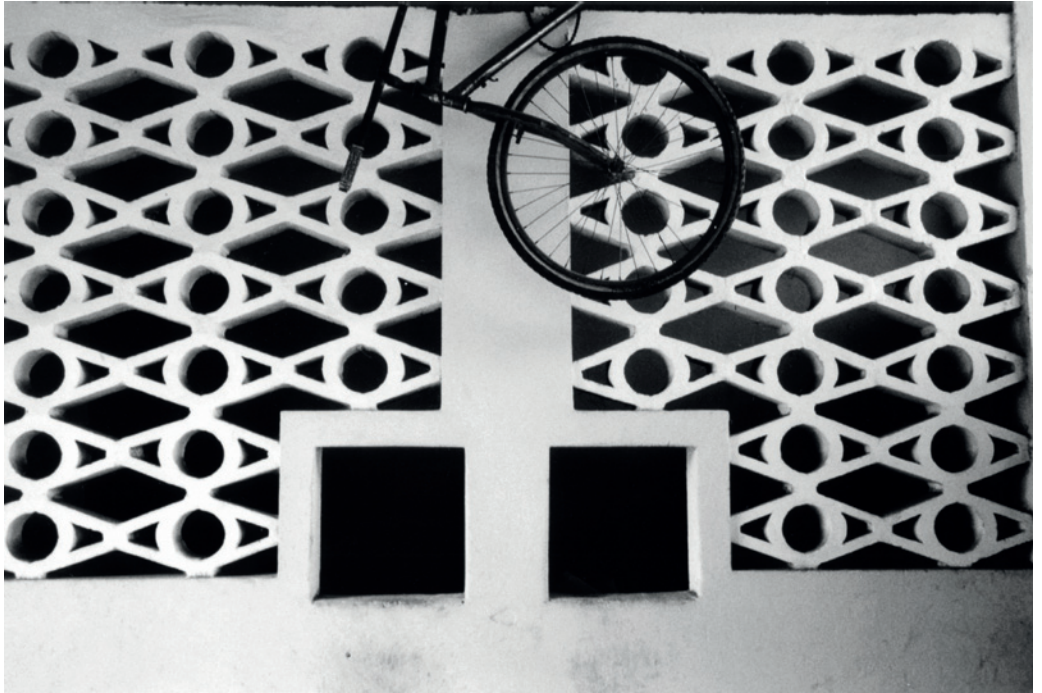
















«e disal pretu, i ka moradu, suma tchon di dizertu,  
di manera k' nin udjus ka tchiga di kunsil, so kurbus k' bai mora la»

IBN IDHARI AL-MARRAKUSHI

*Marjen di riu i un tapadu di tarafi.* Marjen di riu i un linha ki ka kortadu. Tris ora dipus di ianda na iagu na metadi di tarafi, di seu fungulidu ku di mar fungulidu, barku tchiga Bulama. Na mar no ka na odja sidadi. No na odja son puntu, ku pekaduris manga del suma kakris na kabas.

Barku pita tris bias, bu ta kuda nan pro i filmi. Sidadi djimpini, suma si i na lampran na marjen. Alal la no dianti, tras di tarafi ku polons. I ta stau suma si bu sibi rotcha nada mas ka ten la. Kil k' no na odja i ka tchiu. La riba, kin k' na djubi, kin k' na odja tudu i djugudes. E na bua ku prigisa, na kumpanha ritmu di barku ku ritmu di kalur.

Puntu intchi djintis tok i farta. Na puku minutus, ningin ka sta dja la. Kalur k' ta nina Bulama limpa puntu fep. Na makina di tempu i ten utru Bulama, di kolon, antigu, k' kunsu na parsi gos dianti di no udju. Sidadi branku k' na dispi si kabesa no dianti. Nomi di ruas, k' rinkadu di lembransa di Republika, i un mapa arkivadu. No sibi rua, no kunsu na odja João Chagas, António José de Almeida, Teófilo Braga, Latino Coelho e o Alferes Malheiro. Bulama i purtugis ba, kil nomis k' oredjas di guinensis ka ta ntindi, elis k' ta tchiganta ba Metropoli te la na tropikus.

Na lus di ditardi, kasas k' finka se rais na tempu kunsu ialsa pitu. Na kalur di ditardi, bu ta odja kasas bedju. Urbanixmu antigu i era ba tudu ordenadu, jometriku, angulus retu, paralelus ku perpendikularis. Kil linha bida gos i mina na metadi di predius kaskasidus. Kil dizenhus di tempu antigu dispersi, padas padas.

Ruas di tempu di kolon i terenu labradu pa tchuba ku falta di kuidadu. Tchon original dispersi, ningin ka sibi i na kal tempu. Un jip pasa, i lantanda nuven di puera. Kau kala iem, puera manga del, puera burmedju, mudu, nunka-falta, puera kubri kau fep. Dipus di jip pasa, kalur son k' fika, kalur pisadu sip, ma moli potok. Djugudes so k' fika, e na bua la riba. Nin un piu ka na obidu.

Na pontada di purtu, i sta un statua k' arvriss kuas ta tapa. I un munumentu di tempu antigu, bedjisa ka kebral, nin revolusons ka batil. I era ba dia 5 di janeru di 1931, anu 9 di Tempu di Faxixmu, suma k' Mussolini ta fala ba. Un grupu di 14 pastru di feru sai di Bulama i pega kaminhu pa Brazil. Italo Balbo, kil grandi omi di kuru tchomadu Italo Balbu..., i el ki sedu ba kumandanti di kil grupu k' dibi ba di kamba Atlantiku. Dus avion kai na iagu, tchumbulut, e ka na iangasa Brazil. Sinku djintis, kilas suma manera k' e ka tchiga di odja tchon di Amerika, asin tamba k' se alma ka na larga tchon di Afrika.

Bulama i suma riu Lethe, un riu di diskisimentu na forma di sidadi. Diskisimentu toma konta di ruas ku di kasas. Te moraduris pro diskisi sidadi. Otcha brankus bai nbora, otcha Bulama torna sedu ba di selis, sedu par elis, Bulama konkonhi si kabesa i bai si kaminhu. Bulama diskisi si kabesa, i pirdi mimoria. Un tapadu di kasas di lama rabida i tadja gos kil kolonia di Europa. Afrikanus riba se tchon. Sidadi di kolon fika la sikidu na tempu antigu. I na dispersi pa dentru, i na nheme si kabesa santadu. Na si kosta i disa muras, ruas, prasas, ku un statua di bronzi masisu di prezidenti amerikanu Grant, k' dati tan i dispersi suma na futis, na mon di alguns europeus dubriadus, k' tene talentu pa nogos susu.

Sidadis ka kustuma ta muri di repenti. I fa fika nan i na murtcha. Un ora un mura k' ta kai, dipus un padas di kankra, logu dipus utru padas. Mortundadi di un

tabanka i un arkiolojia akotorbido, i suma rabista pasadu di kabesa pa pe. Ora k' fin kunsu na kunsu, tudu ta parsi kuma i ka na muda. Predius kuas e ka muda, e sta kuas nobu-en-folia. E tene nbruta di tchaga k' pudi mata elis, ma bu ka ta odjal. Dipus di alguns anu bu ta kunsu na odja sinalis di duensa. Pursesu ta bida kada bias mas rapidu, kada bias mas sin salbason. Tidjas ta djagasi ku pezu di padjas ku di plantas. Tubus di iagu, podrisidu pa ferujen, ta sai na muras, sin sirbintia. Ferujen i un pursesu kimiku. Asin k' librus ta tcholona. I lentu, i suma un kankru k' ta nhemeu santadu, te k' bu ka tene dja mas kura. Purmeru, i iagu k' ta fika i na ramanga na muras, i ta kunsu na barfata feru, feru ta kirsi i ta sanha. Dipus simenti ta djuguta, pursesu ta silera. Tempu ta pasa, ratchas ku dentru di mura ta kunsu dja na raparadu dritu nan pro. Li k' ultimu bedjisa di kasas ta kunsu. Predius ta kunsu na skua, lembransas di Bulama ta ndianta ku elis.

La riba na sidadi, paredi di kamara munipal firma mandinti. Si tras, nada ka sta la. Un bokadinhu mas lundju, i sta ospital, ospital k' kumpudu riba di pilaris, pa lundjusil di bitchus, i bida ferujen, i un badju di sombra di feru, nde k' matu ientra pa mora di un bias. Padjas ta forka kau, na metadi di muntudus, di ferujen ku di diskisimentu. Pursesu sta kada bias mas rapidu, kada bias mas permanenti. Dipus di manga, manga di anu, storia di sidadi ku storia di tudu si kantus na ba ta odjadu son na postalis.

Ke k' Francisco Chamiço na fala ba si odja kil si Banku Nasional Ultramarinu bidantadu otel, dipus i bida un muntu di pedra, nde k' padjas bai mora nel? Gos i sta nan suma un senariu di sinema, kumpudu son ku paredis sin nada se tras. Na paredi di sinema, bu na odja frontons di stilu neoklasiku, na un modernixmu k' na bentia si kabesa suma si kontra i kungsi mundu. Di un ladu ku di utru ladu, i ten restus

di sobradus ku barandas na purmeru andar, un komprimisu entri Afrika ku Europa. Kartasis antigu di markas kasisa ta lembrantau inda di rikeza di vida di komersiu di kil tempu. Mas dianti, i sta kasas di dubi na ruas k' ka tene nomi, nde k' galinhas o, mininus o, mindjeris o, ku bisikletas tamba ta pasia nel. Na kambansa di lembransa di Europa, bu na odja Afrika.

Bulama na murtcha. Pixina ka tene iagu, i ka tene djintis, salas di sinema ta mostra ba filmis k' gos ningin ka ta lembra del, sentral eletriku para, kampu di aviason di Lala diskisidu, kadjus toma konta del. Tipografia di imprensa nacional, kila tempu maral nprantcha, gos mursegus k' i ta moranta. Makinas ka na torna dja tarbadja mas. Suma sentral eletriku, asin tamba k' e para na tempu, ma na metadi di ferujen, robokus podri, i ten paredis k' firma tchan, bu ka ta sibi nan pro di kuma.

Na kil lugar sukuru entri vida ku mortu, la k' barudjus di deus ta tchibini nel, pa intchisi no dias ku no notis. Un prusison dati son i kunsu odjadu. Uniku bias k' un multidon di djintis parsi na dizertu di Bulama. Pasmus di prusison para na un sertu ritmu. Bulama prisiza di kin k' na rasa par el, ma n' ka fia si kila k' i mistida di es fielis. Pabia di falta di speransa na es mundu, futuru ta bai buskadu na miskitas, na igrejas ku na djambakusis. Barudju di tchoma-rasa, k' ta kotinua panta mursegus te ora k' sol bin noti nan pro, orason di prusison k' ta kruza prasa na kaida di sol, sirimonia di mindjer k' ta bota sorti na un kasa la lundju, elis tudu e fasi parti di memu krensa.

Sidadi di branku ta lastra pa sul, te na praia di Ofir. I tris kilometru, ma bu ta kuda i trinta, entri matu ku fuska-fuska. Bentens di Ofir k' ta ronka suma kin k' tene dinheru, i kusas di mundu antigu ku di tempu antigu. Kil restu di skadas k' ta findji ba sedu farfadjadu na tempu antigu, gos e bidanta se bedjisa mas farfadjadu inda pro.

Lus tambi diskisi Bulama. Ora k' sol kai, sidadi ta sukuru tep. Lus keia. Na fuska-fuska no ta odja mandjuandadis di mursegus toma konta di seu, elis manga del, tok kila ta sukuru tep. Irans di sonu, Morfeu ku Hypnos ta bin toma konta di djiu. Te ora k' mandrugada djimpini, i ora di mukur-mukur. Uniku kusa k' ta ta rumpi sukuru i kil tchoma-rasa k' no ta obi la di miskita, miskita gora k' ka ta odjadu. Imami kuma "rasa i mindjor di k' durmi". Mas tardi Sidadi korda i sakudi un bokadu. La lundju, nde k' purtu sta, barku firma i na peranu.

No na kuri inda tras di pasadu, suma duentis, no na rabista tudu ruas pa djubi si no na otcha un kaminhu. No na rabista livrus bedju, pa tenta ntindi ke k' pasa, ba kin kil djintis k' sta ba la, pabia k' tudu torna sin muitu sukundidu na si sigridu. Bulama i un senariu entri Graham Greene ku Joseph Conrad. Gos, nin statua di jeneral Grant, nin kamara municipal, nin ospital ka ten dja. Kil djintis di tempu antigu ka sta dja la. Brankus nbludja lembransas di kil kaus tudu e ndianta ku el. Kaus fika e pirdi. Padas padas. Restanti, muras o, ruas o ku prasas, pega tambi kaminhu pa bai sedu un lembransa bedju, nornoridu suma kuru di kaseke.

Barku pita tris bias. No kunsu djopoti na iagu, pa buska kil linha no dianti k' rapati seu ku mar. No tras, kil linha bai ku bentu. Puntu, kasas, Bulama, tadju di djiu, elis tudu e sukundi. Bulama fika pa tras, na kaminhu di diskisimentu.

Greene ku Conrad ka tchiga ba di sta la. Italo Balbo, kila muri na Tobruk, na dia 28 di junhu de 1949, otcha italianus fugia si avion. Na 1941, Bulama disa di sedu kapital di Guine Purtugis. Guine Purtugis tan pro na si po di kurpu, i parti dja tambi di un tempu pasadu kada bias mas lundju. Lethe nganha.



TEXTU I LITRATU Santiago Macias

DIZENHU GRAFIKU TVM Designers

TEXTU NA KRIOL DI GUINÉ-BISSAU Geraldo Pina

NPIRMI KU TARBADJU DI KABANTADA AGIR – Produções Gráficas

EDISON Multiculti, Moura, 2021

NUMER KU FASIDU 500 exemplares

ISBN 978-989-33-1896-6

DIPOZITU LEGAL 484122/21

BULAMA



